

A Cultura do Cancelamento e o 'Politicamente Correto' na hora de comunicar

 *Hugo Filipe Fernandes da Silva*

hugoffs02@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-6628-803X>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

Resumo

A Cultura do Cancelamento tem sido um assunto controverso nos últimos anos e uma das maiores dúvidas que se impõem é se esta tendência é realmente benéfica para a sociedade. Com a ascensão do "politicamente correto", a forma como expressamos as nossas opiniões também tem sido afetada, levantando questões sobre até que ponto podemos ser honestos e autênticos sem ofender ou prejudicar os outros. Neste artigo, explorarei os prós e os contras da Cultura do Cancelamento e do "politicamente correto" na comunicação, discutindo os seus impactos na sociedade e a forma como podemos promover um ambiente online mais tolerante e saudável.

Palavras-chave: Cultura do Cancelamento, Politicamente Correto, Comunicação, Liberdade, Expressão.

Abstract

Cancel Culture has been a controversial topic in recent years, and one of the biggest questions that arises is whether this trend is truly beneficial to society. With the rise of "political correctness", the way we express our opinions has also been affected, raising questions about how honest and authentic we can be without offending or harming others. In this article, I will explore the pros and cons of Cancel Culture and political correctness in communication, discussing their impacts on society and how we can create a healthier and more tolerant online environment.

Keywords: Cancel Culture, Politically Correct, Communication, Freedom, Expression.

Com a ascensão do "Politicamente Correto" e da Cultura do Cancelamento nos dias de hoje, estará a nossa liberdade para comunicar comprometida?

É um facto que a Cultura do Cancelamento tem sido um assunto controverso nos últimos anos e uma das maiores dúvidas que se levantam é se esta tendência é realmente benéfica para a sociedade. Adicionalmente, com a ascensão do "Politicamente Correto", a forma como expressamos as nossas opiniões e como comunicamos, de forma geral, têm sido condicionadas, pelo que à pergunta introdutória acresce outra de igual importância: é possível ser-se honesto nesta Cultura do Cancelamento sem se ser "Politicamente Correto"?

Torna-se crucial notar que a história da Cultura do Cancelamento precede o surgimento das redes sociais e da internet em geral. Embora esses meios tenham dado uma nova dimensão e alcance a este fenómeno, a prática de cancelar indivíduos ou organizações teve a sua origem noutras dimensões do quotidiano. Como indicam Ahuja and Kerketta (2021, p. 35), "(...) less-known is the fact that cancel culture as a concept has preceded its rise in social media. Beginning with appearances in movies and songs around 1991, the word 'cancel' being used in reference to a person, has been a more common term in African-American Vernacular English."

Mas o que é ao certo o cancelamento? Segundo D. Clark (2020), a Cultura do Cancelamento pode traduzir-se como a escolha que um indivíduo faz de ignorar alguém ou alguma coisa cujos valores, ações ou discurso são tão ofensivas que esse mesmo indivíduo acaba por perder o desejo de agradecer-lhe com a sua presença, tempo ou dinheiro.

Este movimento consiste então em expor, criticar e/ou boicotar publicamente pessoas ou empresas que tenham cometido erros ou que tenham adotado comportamentos considerados ofensivos ou inadequados. O objetivo é pressionar as pessoas ou empresas a mudar os seus comportamentos e atitudes e tem sido um movimento crescente nas redes sociais nos dias que correm. Ainda assim, o mesmo estudo refere que ser cancelado - uma designação, note-se, geralmente reservada a celebridades, marcas e outras figuras inacessíveis - deve ser visto como um apelo de última instância à justiça. E, de acordo com Chiou (2020), os apoiantes do cancelamento de figuras públicas muitas vezes acreditam que se encontram num patamar moral superior - consideram-se no direito de difamar ou humilhar alguém com base no **Politicamente Correto**, e isto traduz-se em mais um comportamento preocupante, uma vez que a perceção de estar "acima" de outros pode levar a um aumento da intolerância e da divisão na sociedade. É importante lembrar que o cancelamento nem sempre é uma solução construtiva para os problemas sociais, mas apenas uma forma de silenciar e marginalizar pessoas que podem ter pontos de vista diferentes.

Por sua vez, como referem Dzenis and Faria (2020), a linguagem Politicamente Correta visa prevenir a discriminação social ao limitar os discursos e comportamentos ofensivos direcionados a um grupo de indivíduos menos privilegiados. Este fenómeno tem registos bastantes anteriores à Cultura do Cancelamento, mas acabou por ser impulsionado por esta. Nas palavras de Rosenblum et al. (2020), ser Politicamente Correto passa por usar linguagem (ou ter certos comportamentos) para parecer sensível aos sentimentos dos outros, especialmente aqueles que parecem socialmente desfavorecidos. Como tal, essa precaução pode, às vezes, ser vista como uma forma de esquivar-se de questões importantes ou de suavizar a linguagem para evitar ofender pessoas. No entanto, de acordo com o último artigo referido, em vários contextos, usar linguagem politicamente correta pode obscurecer informações, levando a resultados sociais desenquadrados. Portanto, o termo "Politicamente Correto" pode ser usado de maneira positiva ou negativa, dependendo do contexto e

do ponto de vista do orador. Ainda assim, o seu uso tem sido criticado por alguns como uma forma de censura e de limitação da liberdade de expressão. Tudo isto é corroborado por Morris (1999), quando explica que o Politicamente Correto existe uma vez que certas declarações levam os ouvintes a fazer inferências negativas sobre o tipo de pessoa que está a falar, pelo que os oradores têm um incentivo para alterar o que dizem de forma a evitar essa inferência.

É claro que quando o tópico é a liberdade de expressão, materializa-se na nossa mente o conhecido Paradoxo da Tolerância - um conceito filosófico que defende que, para sermos verdadeiramente tolerantes, devemos ser intolerantes com a intolerância, ou seja, devemos limitar a liberdade de expressão daqueles que promovem a discriminação, o ódio e a violência, pois caso contrário estaríamos a permitir que ideias intolerantes se espalhem e prejudiquem a sociedade como um todo. O primeiro a introduzir este conceito foi Popper (1945), que escreveu: A tolerância ilimitada conduz ao desaparecimento da tolerância. Se estendermos a tolerância ilimitada até mesmo àqueles que são intolerantes, se não estivermos preparados para defender uma sociedade tolerante contra o ataque dos intolerantes, então os tolerantes serão destruídos, juntamente com a tolerância. Este Paradoxo tem sido amplamente discutido na literatura académica. Owen (2005) explora a ideia de que o Estado deve estabelecer limites para a tolerância, de modo a preservar a própria tolerância em si. Na mesma linha de raciocínio, Rosenfeld and Bollinger (1987) argumentam que a tolerância deve ser limitada quando estão em causa discursos extremistas. Estudos sobre a relação entre tolerância e preconceito têm apoiado a ideia do Paradoxo da Tolerância, defendendo que a tolerância ilimitada pode levar à propagação de ideias intolerantes e prejudicar a sociedade como um todo.

Num mundo em crescimento exponencial, a pluralidade de ideias é uma consequência inevitável, pelo que se torna então importante, sobretudo nos dias que correm, que continuemos a debater esta temática para encontrar o equilíbrio correto entre a tolerância e os limites necessários para proteger a sociedade aberta e democrática. Nas palavras de Marsili (2023), há precedentes históricos, dos quais o Holocausto é o mais conhecido, que demonstram que o discurso de ódio pode ser um precursor de horrorosos crimes em larga escala, incluindo genocídio, pelo que, de forma a evitar cair em regimes antidemocráticos (como a Alemanha Nazi), devemos saber colocar limites no discurso de ódio: a incapacidade de limitar este tipo de oratória catalisou a subida de Hitler ao poder, por exemplo.

Podemos assim constatar que a relação entre a Cultura do Cancelamento e o "Politicamente Correto" *na hora* de comunicar é, claramente, uma relação complexa, não existindo, a meu ver, uma resposta completamente correta para resolver a premissa em questão. Por um lado, a Cultura do Cancelamento pode ser vista como uma forma de pressão social, aplicada com vista a promover mudanças necessárias na sociedade e acabar com comportamentos discriminatórios direcionados a grupos mais vulneráveis. Por outro, existe a opinião de que esta cultura é tóxica para a sociedade e apenas traz malefícios, principalmente para a saúde mental. Até num ambiente profissional essa relação não está perfeitamente definida: se é certo que os dois fenómenos podem ter efeitos negativos num ambiente de trabalho, levando a um clima de desconfiança e medo no momento de expressar opiniões, um ambiente mais inclusivo e respeitoso pode levar a uma maior produtividade e criatividade, o que acabará por melhorar a satisfação e a interação entre colaboradores. No meu ponto de vista, a única maneira de alcançar progresso em direção a uma sociedade mais positiva e com menos discurso de ódio passará por colocar em prática o Paradoxo da Tolerância ao mesmo tempo que se desenvolve a capacidade de raciocínio para compreender se vale a pena punir certas pessoas por certos comportamentos, ou não.

É que, se mediante uma perspectiva, o cancelamento é defendido como uma forma de responsabilizar as pessoas pelos seus comportamentos inadequados ou ofensivos, por outra, também é argumentado que pode levar à censura e à limitação da liberdade de expressão. Um estudo realizado por Norris (2020) mostrou que 46% dos americanos acredita que a "Cultura do Cancelamento" baseada na humilhação em grupo foi longe demais, sendo que 49% acredita que teve um impacto negativo na sociedade. No entanto, as gerações mais jovens (Geração Z e Millennials) tendem a expressar mais simpatia pela punição de pessoas cujos pontos de vista possam ser considerados ofensivos. Este fenómeno pode ser explicado por diversos fatores, incluindo uma maior exposição à diversidade social através das redes sociais, que poderia levar a uma maior sensibilidade em relação a questões de justiça e igualdade. É importante, ainda assim, lembrar que esta atitude não é unânime entre a população mais jovem, o que reforça a ideia de que este não é um problema com solução linear.

Importa também referir, contudo, que as consequências de se ser cancelado estão bem presentes na saúde mental, como refere Toler (2022): "(...) if you've been canceled, you may feel ostracized, socially isolated, and lonely. And research shows that loneliness is associated with higher anxiety, depression, and suicide rates." Tendo em conta a terrível bola de neve capaz de se formar devido ao cancelamento, é de facto importante que as pessoas compreendam as implicações de cancelar alguém antes de o fazerem e que as plataformas de redes sociais considerem a implementação de medidas para prevenir o cancelamento desnecessário. A educação sobre a importância da empatia e do diálogo aberto, bem como a noção de que a natureza do ser humano é propícia a erros, também pode ajudar a reduzir os efeitos negativos da Cultura do Cancelamento na saúde mental.

As redes sociais tornaram-se, desde os seus primórdios, num espaço no qual as pessoas se podem expressar livremente e partilhar as suas opiniões com outros um pouco por todo o mundo. Se é um facto que essa liberdade é muitas vezes usada para boicotar ou atacar publicamente certos indivíduos, muito se deve às plataformas sociais em si e à forma como estas estão programadas. Tudo isto traz à luz a existência de um fenómeno cuja presença se sente cada vez mais atualmente, dada a importância que essas mesmas plataformas assumem enquanto meio de comunicação. Sendo ele fruto da exclusão de diferentes formas de pensar potenciado pelos algoritmos das mesmas, tem por nome 'Echo Chamber' ou Câmara de Eco. Nas palavras de Hundt et al. (2017), Câmaras de Eco referem-se a situações nas quais a informação é amplificada ou reforçada pela comunicação ou repetição. A característica que define uma Câmara de Eco é, portanto, a ausência de discussões controversas e um conjunto de opiniões em relação a um tópico bastante cerrada.

Estas Câmaras de Eco são, portanto, perigosas, uma vez que encerram o utilizador da dada rede social no conjunto de opiniões que este já tem, afastando qualquer tipo de debate ou opiniões contrárias e, dessa forma, impedindo o progresso da forma de pensar. É certo que se verifica a possibilidade de existir diálogo entre pessoas com visões opostas, como referem Barberá et al. (2015) quando dizem que eventos atuais que não estão relacionados com política parecem ter a capacidade de estimular a discussão entre indivíduos com opiniões políticas diferentes; em contrapartida, na generalidade dos casos, principalmente no que à política diz respeito, há uma tendência para a polarização e, portanto, para a criação de uma Câmara de Eco, como refere o mesmo estudo: Os utilizadores das redes sociais tendem a *retweetar* mensagens de outras pessoas com pontos de vista semelhantes aos seus, o que indica uma homofilia ideológica na propagação de conteúdo político. Para além disso, as conclusões do estudo realizado por Baumann et al. (2020) comprovam ainda mais este argumento: Uma característica bastante evidente em diferentes conjuntos de

dados empíricos de debates polarizados é uma clara associação entre o envolvimento dos utilizadores na discussão e as suas convicções: utilizadores mais ativos tendem a mostrar opiniões mais extremas, o que indica que quanto maior o nível de atividade por parte dos utilizadores das redes sociais, maior será a probabilidade de estarem situados numa Câmara de Eco.

Esta tendência pode ser extremamente prejudicial para o desenvolvimento cognitivo e intelectual de um indivíduo, como referem Cinelli et al. (2021), afirmando que a nossa capacidade de atenção continua limitada e os algoritmos de *feed* podem limitar o nosso processo de seleção ao sugerir conteúdos semelhantes aos que estamos habitualmente expostos, bem como para a qualidade de um debate e a tomada de decisões coletivas. Se o objetivo é combater este problema, é fundamental criar um ambiente online que fomente a diversidade e a tolerância, para que possamos aproveitar ao máximo as vantagens das redes sociais sem comprometer a nossa saúde mental ou o nosso desenvolvimento pessoal.

E na verdade, de acordo com Langham and Gosha (2018), analisar comportamentos agressivos nas redes sociais atende à uniformidade dos utilizadores em vez de analisar estritamente o discurso de ódio, porque também considera a linguagem ofensiva, o ódio, a raiva e outras categorias potenciais, pelo que as plataformas de redes sociais deviam considerar a hipótese de adotar medidas para detetar publicações e comportamentos agressivos. Isto seria útil para limitar a criação das Câmaras de Eco supramencionadas, principalmente aquelas destinadas a impor uma Cultura do Cancelamento de uma forma agressiva. Isto acontece porque, segundo o mesmo estudo, a “inclusão da raiva na análise do discurso e do comportamento agressivo como conceito permite que os estudos sejam mais específicos nas suas análises de determinados dados dos utilizadores”, o que, em última análise, pode ser traduzido como uma maior facilidade para estudos mais recentes - e para as próprias plataformas de redes sociais - de detetarem linguagem ofensiva e intolerante, no que seria um esforço para reduzir este tipo de ocorrências, o que acabaria por tornar essas mesmas plataformas num espaço mais aberto para debates e menos negativo para os utilizadores em si. Tendo uma grande influência na formação da opinião pública e no discurso político, é imperativo que se tomem medidas para limitar a criação de Câmaras de Eco e de comportamentos agressivos já que, caso contrário, o impacto negativo que teriam na democracia e na sociedade em geral poderiam ser desastrosos.

Assim, se é certo que devemos evitar ao máximo uma Cultura do Cancelamento excessiva e discursos apenas ‘Politicamente Corretos’, a limitação de discursos de ódio por parte das plataformas de redes sociais deve ser visto como algo **benéfico e necessário**. Tendo em conta os exemplos suprarreferidos, é necessário tomar medidas para tornar estas mesmas plataformas em locais seguros e tolerantes para todos os utilizadores, mesmo que isso implique a perda de uma pequena parte da nossa liberdade de expressão em certas ocasiões. Não havendo uma resposta completamente correta para um tema tão complexo, há certamente medidas a tomar para tornar os espaços online - onde os fenómenos da Cultura do Cancelamento e do ‘Politicamente Correto’ se encontram mais presentes – em espaços mais seguros para os utilizadores.

A relação entre a Cultura do Cancelamento e o ‘Politicamente Correto’ na comunicação é, em análise, um tema complexo e multifacetado e que exige um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a prevenção da discriminação. Embora a liberdade para comunicarmos seja fundamental para uma sociedade aberta e democrática, também é importante reconhecer os limites necessários para proteger as pessoas de discursos de ódio e de intolerância. O debate contínuo no que a este

tema diz respeito pode ajudar a encontrar o equilíbrio correto entre a tolerância e esses mesmos limites protetores da nossa sociedade e das nossas liberdades fundamentais. É importante lembrar que a comunicação responsável pode ser um passo importante para construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos e é também fulcral que as pessoas e as empresas estejam cientes das consequências das suas palavras e comportamentos, não descartando a promoção de um equilíbrio para que a liberdade de expressão não seja totalmente comprometida.

Referências

- Ahuja, N., & Kerketta, J. (2021). The Omnipresence of Cancel Culture: A Balanced Contrast. *International Journal of Humanities and Social Sciences*, 11(1), 33-41. http://www.ripublication.com/ijhss21/ijhssv11n1_05.pdf
- Barberá, P., Jost, J. T., Nagler, J., Tucker, J. A., & Bonneau, R. (2015). Tweeting From Left to Right: Is Online Political Communication More Than an Echo Chamber? *Association for Psychological Science*, 26(10), 1531–1542. <https://doi.org/10.1177/0956797615594620>
- Baumann, F., Lorenz-Spreen, P., M., S., Igor, & Starnini, M. (2020). Modeling Echo Chambers and Polarization Dynamics in Social Networks. *Physical Review Letters*, 124(4), 48301-48301. <https://doi.org/10.1103/PHYSREVLETT.124.048301>
- Chiou, R. (2020). We Need Deeper Understanding About the Neurocognitive Mechanisms of Moral Righteousness in an Era of Online Vigilantism and Cancel Culture. *Ajob Neuroscience*, 11(4), 297-299. <https://doi.org/10.1080/21507740.2020.1830872>
- Cinelli, M., De Francisci Morales, G., Galeazzi, A., Quattrociocchi, W., & Starnini, M. (2021). The echo chamber effect on social media. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 118(9), e2023301118. <https://doi.org/doi:10.1073/pnas.2023301118>
- D. Clark, M. (2020). DRAG THEM: A brief etymology of so-called “cancel culture”. *Communication and the Public*, 5(3-4), 88-92. <https://doi.org/10.1177/2057047320961562>
- Dzenis, S., & Faria, F. N. (2020). Political Correctness: the Twofold Protection of Liberalism. *Philosophia*, 48(1), 95-114. <https://doi.org/10.1007/S11406-019-00094-4>
- Hundt, M., Schneider, B., El-Assady, M., A. Keim, D., & Diehl, A. (2017). Visual Analysis of Geolocated Echo Chambers in Social Media. *The Eurographics Association*, 125-128. <https://doi.org/10.2312/EURP.20171185>
- Langham, J., & Gosha, K. (2018). The Classification of Aggressive Dialogue in Social Media Platforms. *ACM SIGMIS Conference on Computers and People Research* 60-63. <https://doi.org/10.1145/3209626.3209720>
- Marsili, M. (2023). *State-driven Hate Speech: From Nazi Germany to Date* Conference on Freedom of Expression, Hate Speech, and Religious Freedom: A Human Rights Perspective, New York. <https://dx.doi.org/10.5281/zenodo.7487198>
- Morris, S. (1999). Political Correctness. *Cowles Foundation Discussion Papers*, 1492. <https://elischolar.library.yale.edu/cowles-discussion-paper-series/1492>
- Norris, P. (2020). Closed Minds? Is a ‘Cancel Culture’ Stifling Academic Freedom and Intellectual Debate in Political Science? *Social Science Research Network*. <https://doi.org/10.2139/SSRN.3671026>
- Owen, J. J. (2005). The Tolerant Leviathan: Hobbes and the Paradox of Liberalism. *Polity*, 37(1), 130-148. <https://doi.org/10.1057/PALGRAVE.POLITY.2300004>
- Popper, K. (1945). *The Open Society and its Enemies* (Vol. 1). GEORGE ROUTLEDGE & SONS, LTD.
- Rosenblum, M., Schroeder, J., & Gino, F. (2020). Tell it like it is: When politically incorrect language promotes authenticity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(1). <https://doi.org/10.1037/pspi0000206>

- Rosenfeld, M., & Bollinger, C. L. (1987). Extremist Speech and the Paradox of Tolerance. *Harvard Law Review*, *100*(6), 1457-1481. <https://doi.org/10.2307/1341168>
- Toler, L. (2022, 14/04/2022). *The Mental Health Effects of Cancel Culture*. Retrieved 08/04/2023 from <https://www.verywellmind.com/the-mental-health-effects-of-cancel-culture-5119201>